

5

Considerações finais

Neste ponto da pesquisa, depois de analisar dados do português nas diversas fases da sua história, é possível ter uma visão global da concorrência entre **por** e **pera/para** expressando finalidade, em uso isolado ou integrando as locuções **para/para que** e **por que**, também na forma aglutinada **porque**.

Essa visão de conjunto permite-nos responder com segurança à questão colocada na proposta inicial desta dissertação, agora formulada de forma diferente: o fato de encontrarmos em textos literários do século XIX o uso da preposição **por** indicando finalidade, estranho ao português atual, será uma idiosincrasia restrita àquela época?

Colocando-nos numa posição funcionalista e utilizando uma metodologia sociolinguística de análise de dados, foi possível acompanhar os passos da mudança semântica relativa ao uso da preposição **por** com o sentido de finalidade.

Convém lembrar que **pera**, hoje **para**, é um reforço de **per** na acepção de direção, e que **per** e **por** concorreram das origens do português ao século XVI, saindo esta última vitoriosa no embate que eliminou a outra. Em outras palavras, isto significa que **por** assumiu também as funções de **per**. Não é por outros motivos que compêndios de gramática apresentam **por** acompanhada de **per** no estudo das preposições.

Retomemos a Tabela 2 que apresenta a concorrência entre **pera/para** e **por** do século XIII ao XVI. Os dados mais antigos, os referentes ao LL e à DSG revelam uma acentuada preferência pelo uso de **por** com valor final (74% nos LL e 90% na DSG). Essa situação se atenua na CGE (56%). Conclui-se que, as construções com **por**, no português arcaico, são as preferidas, mas vão cedendo lugar, gradativamente, a **pera**. No português arcaico médio, a situação se inverte como demonstram os dados do LE (30% X 70%) e do ESO (42% X 58%). Os dados do LC confirmam o que foi encontrado nos textos literários (64% de empregos de **pera** com valor final).

No limiar do português moderno, os dados da Dec e os da GFO mostram a preferência flagrante pelo emprego de **pera/para**, com valor final, 84% e 91%,

respectivamente. Esses percentuais são indicadores de que o uso de **por** final está em vias de extinção.

Amalgamando os dados da Tabela 5, referente a Vieira, podemos propor a Tabela 9.

Tabela 9
Estruturas de valor final – Vieira (Cartas)

Transpositores	Total de ocorrências	%
Para e para que	111	89%
Por e porque	14	11%
Totais	125	100%

Esses resultados vêm confirmar os encontrados na Dec e na GFO.

Para Bomfim (no prelo) os empregos nas Cartas de Vieira são estilísticos. Acatamos essa opinião, confirmada com o resultado da análise dos dados de BG que apresenta um percentual de 99% de empregos de **pera** introduzindo construção de valor final.

Também podem ser considerados estilísticos os empregos de **por** final nas *Cartas Chilenas*, levando-se em conta só o fato de que uma mudança não retroage (este uso já era estilístico no português moderno), mas também a ausência absoluta deste tipo de estrutura na amostra de Verney.

Acreditamos, assim, ter sido possível responder a questão formulada nesta dissertação, não esgotando, porém, o assunto tratado. O estudo mostra-se potencialmente promissor para outras pesquisas na área, podendo-se ampliar o leque de *corpora*, visando a novas investigações dos usos da língua portuguesa, seja num enfoque diacrônico ou sincrônico.